

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA — Composto e impresso na Typ. do ANUARIO COMMERCIAL, Praça dos Restauradores, 27

XXX Volume

30 de Novembro de 1907

N.º 1041

Um casamento Franco-Espanhol na côrte de Inglaterra



O PRINCE CARLOS DE BOURBON E A PRINCESA LUISA DE ORLEANS, SAHINDO DA CAPELA DE WOOD-NORTON, DEPOIS DA CEREMONIA RELIGIOSA
(Fotographia Chusseau-Flaviens)



O Rei Affonso XIII O Imperador Guilherme A Rainha Alexandra O Rei Eduardo VII
A Rainha Maud A Imperatriz Augusta A Rainha D. Amelia A Rainha Victoria de Espanha

UMA REUNIÃO DE SOBERANOS DA EUROPA NO CASTÉLO DE WINDSOR
(De Photographia)

Chronica Occidental

Se, como grande numero, senão a maior parte dos nossos collegas, tivéssemos o sestro da politica, excellente occasião teriamos agora para descancar-nos. Em vez de puxarmos pelo estro afim de encher as duas columnas da obrigação, gosariamos na cama esta manhã fria e chuvosa do final de novembro. As columnas ficariam em branco, e cada leitor, em sua casa, as completaria como entendesse, sobre as novas applicações da lei de imprensa. A familia leria a bella prosa, quando viessem tempos melhores.

A suspensão de grande numero de jornaes e o receio com que n'outros se escreve, não moderou o andamento das linguas que, por todos os cantos de Lisboa, falam muito mais do que d'antes. Lei das compensações.

Nunca a politica andou tão activa como agora. A attitude dos partidos, depois de effectuadas as annunciadas reuniões, excita a curiosidade. Reunir-se-hão os progressistas em casa do sr. José Luciano, no dia 8 de dezembro, o dos dissidentes no centro do largo das Duas Igrejas, o dos regeneradores em local ainda não designado, por não caberem na sala do centro da rua do Norte todos aquelles, antigos ministros, pares do reino, deputados e governadores civis, a quem foram dirigidos conyites.

Boatos, e muitos, já correm sobre decisões que serão tomadas pelo bloco liberal. Entretanto os jornaes do governo continuam mostrando-se dispostos para a campanha e não falam por enquanto em convocação de côrtes. Quer isto dizer que teremos para muito tempo a politica como assumpto principal... infelizmente.

Se dos jornalistas portuguezes andam muitos á boa vida e outros se vêem atrapalhados para, sem grande perigo, dar uma volta á frase, em compensação os jornaes estrangeiros teem n'estes ultimos tempos falado muito mais de Portugal do que lhes mereceu interessantes assumptos, como, por exemplo, as recentes victorias d'Africa. O *Temps*, continua publicando as entrevistas que o seu redactor obteve dos principaes personagens da nossa politica, e outros muitos e dos principaes da Europa, como a *Independencia Belga*, occupam-se largamente, e como lhes faz conta, da nossa gente e das nossas coisas. Portugal está na berra e até já foi discutido nas camaras hespanholas a neutralidade da Hespanha, qualquer que seja o rumo que a politica venha a tomar.

O partido republicano vae crescendo. Falámos já da entrada para aquelle partido do sr. conselheiro Augusto José da Cunha. Seguiu-lhe o exemplo o sr. Anselmo Braamcamp, erudito investigador e que muito tem honrado o nome illustre que herdou. Filhou-se tambem no mesmo partido o sr. Faustino de Sá Nogueira, proprietario em Santarem, onde é estimadissimo.

A agitação cresce. Não obstante, é de esperar que brevemente vejamos todos os contrarios reunidos para um mesmo fim patriotico e consolador. E' um dever de todos concorrerem para que sejam aqui condignamente recebidas as tropas que no Cuamato briosamente, mais uma vez, levantaram o prestigio de Portugal.

Haverá um *Te-Deum* nos Jeronymos ou em S. Domingos; na Sociedade de Geographia haverá sessão solemne em honra do capitão Roçadas e outra ainda para distribuição de recompensas. Os vencedores do Cuamato serão acompanhados desde o Arsenal até aos quartéis por todos os officiaes montados da guarnição de Lisboa.

Mas é preciso que a festa não seja apenas dos elementos officiaes. Deve ser nacional, se ainda nos corações reside um pequenino amor pela nossa terra e o entusiasmo sufficiente para nos alegrarmos com as suas alegrias.

De tristezas andamos nós fartos, e não foi sem uma certa impressão de dôr e de melancholia, que lêmos nos jornaes a despedida dirigida ao clero e aos seus diocesanos pelo sr. cardeal D. José Netto, ex-patriarcha de Lisboa. Deus pudesse ouvi-lo quando a todos nós deseja saude, paz e benções em Jesus Christo, Nosso Senhor.

Foi eleito vigario capitular o sr. arcebispo de Mytilene.

E não acabaremos aqui com noticias de tristeza. O tempo vai para isso, frio, escuro e doentio. Depois d'uns dias radiantes, de verdadeiro verão de S. Martinho, cá temos, outra vez, comnosco a chuva o vento desabrido, as ruas cheias de lama e as bronchites á espreita.

Dizem os que mais d'isso entendem, e das manchas do sol e das estatísticas, que entramos no triste e aborrecedor periodo dos invernos chuvosos. O Tejo, que já por duas vezes encheu, talvez ainda

antes de chegar dezembro, nos dê uma terceira cheia. Tanto ainda os lavradores, ha pouco, se lamentavam de que não tinham pasto para o gado e alguns até que nem uma pinga d'agua tinham para lhes dar a beber!



DR. BETTENCOURT PITTA

De tristezas continuamos portanto a falar e cabe agora a vez a uma lembrança para o dr. Bettencourt Pitta que no dia 26 d'este mez foi por numerosos amigos acompanhado até á sepultura. Professor da Escola Medica de Lisboa durante quarenta e oito annos, clinico distinctissimo, alegre e espirituoso, era um dos vultos mais conhecidos de Lisboa. Falou á beira do tumulo, elogiando as qualidades do fallecido collega, em nome da Escola; o sr. dr. Silva Amado.

E a chuva continua cahindo e todo o ceu está toldado. Durante a comprida noite, sem uma estrellita que espreitasse a trazer-nos uma esperanza, as cordas de chuva bateram na vidraça e as biqueiras não se calaram. As ultimas folhas vão cahindo e, dentro em pouco, os espectros das arvores voltarão para o ceu os longos braços despídos. As ruas de Lisboa, lamacentas e solitarias inspiram tristeza. A' hora da sahida das repartições e escriptórios esbarram uns nos outros os chapéus de chuva, os americanos passam atulhados; depois o silencio cai sobre a cidade e ouve-se ao longe a barra a gemer.

Talvez a vinda da Réjane alegre á noite uns bocados. Os theatros dos ricos não soffrem como os outros quando o ceu lhes faz partida. Carruagens e automoveis conchegados esperam á porta as senhoras elegantes, que passam embrulhadas em sedas e rendas.

As recitas da companhia estrangeira no theatro D. Amelia são sempre das mais frequentadas e dos melhores espectaculos de boa arte que nos sejam dados em Lisboa. Da grande artista franceza, que nos vem agora visitar não ha elogio a fazer, sem que tenha de repetir-se o que mil vezes foi dito. Tem um nome universal. No repertorio traz-nos peças que nos são desconhecidas; mais razão para a concorrência.

O mau tempo prejudicará os theatros de publico mais pobre, que, entretanto, teem este anno andado com certa sorte. Uma nova revista no theatro da Trindade e com esta já são não sei quantas nos theatros de Lisboa — parece que a bafejou a mesma aragem boa que, ha muito, sustenta as irmãs a caminho de centenares de representações.

Eduardo Brazão adoeceu e cortou a serie de representações do *Judas*, no theatro de D. Maria. A nova obra de Augusto de Lacerda não perderá com isso, porque as primeiras representações e um domingo com a casa á cunha já lhe asseguraram o grande e merecido exito.

No theatro D. Amelia realisou-se uma d'estas noites, com escholhissima frequencia, mais um concerto da Grande Orchestra Portugueza, de cem executantes. E' seu director Michel Angelo Lambertini, o fundador da Sociedade de musica de camara e do jornal a *Arte Musical*; a elle se deve a fundação do cofre de subsidios aos musicos portuguezes pobres e inhabilitados. Mais um titulo para a gratidão dos collegas e nossa quiz obtel-o agora e conseguiu o brilhantemente.

El-rei assistiu a parte do concerto.

Valha nos em tanta tristeza um bocadinho de boa arte.

JOÃO DA CAMARA.

TEU RISO

A Olavo Bilac

Um riso como o teu, assim tão crystalino
Assim tão bello e puro, assim meigo e formoso,
Que tenha mais doçura e seja mais mimoso,
Que seja tão travesso e seja tão divino;

Um riso como o teu, assim tão dulçuroso
Assim singelo e termo, assim celeste e fino,
Que tenha tanta vida e seja magestoso,
Assim tão languoroso, assim tão purpurino;

Um riso bulhoso, assim tão fascinante,
Assim tão gracioso, assim tão captivante,
Tão vivo, tão ingenuo, e forte, e seductor;

Um riso deste modo, eu penso francamente
Procurar ser loucura pois que o teu somente,
Possue todo este encanto e todo este primer!

Fortaleza — Ceará — Brazil.

MARIO RODRIGUES.

Um casamento Franco-Espanhol na côrte de Inglaterra

Um casamento principesco se realisou na côrte de Inglaterra, qual foi o da Princesa Luisa de Orleans com o Príncipe Carlos de Bourbon, e que levou á côrte inglesa os soberanos de Espanha, e membros da familia Orleans, em que se conta a Rainha Senhora D. Amelia, irman da noiva.

A Princesa Luisa Francisca de Orleans, filha dos Duques de Montpensier, nasceu em Cannes, a 24 de fevereiro de 1882. E' de rara formosura, como em Lisboa se poudo apreciar, quando aqui veio ha dois annos visitar a Rainha Senhora D. Amelia. O Príncipe Carlos de Bourbon-Duas Sicilias, é filho dos Condes de Caserte e nasceu em Gries, proximo de Botzen, a 10 de novembro de 1870. Foi casado com a princesa de Asturias, de quem inviuvo ha pouco mais de um anno, e é general de brigada do exercito espanhol.

O casamento teve lugar em Wood-Norton, 170 kilometros distante de Londres, na residencia dos Duques de Orleans, que para esse fim mandaram construir no parque uma capêla, estilo romano, onde se celebrou com grande pompa a cerimonia religiosa, no dia 15 do corrente.

O casamento civil foi ás 8 horas da manhã na igreja catolica de Evesham e a elle assistiram, como testemunhas, por parte da noiva os Duques de Orleans e de Guise, por parte do noivo o Rei de Espanha e o Duque da Calabria.

Ao meio dia, celebrou-se a cerimonia religiosa na capêla de Wood-Norton, a qual revestiu o maior esplendor, observando-se com todo o rigorismo o ceremonial da antiga côrte de Versailles dos reis de França.

A capêla, toda decorada a branco e ouro, ostentava as armas da Casa de França a ouro e azul. No altar viam-se vasos de ouro macisso contendo lindas flôres que davam a nota alegre da festa.

A' hora que o cortejo nupcial entrou na capêla, estava esta cheia de convidados, que apresentaram suas homenagens ao Duque de Orleans, Rei de Espanha, ás principes e príncipes que ali se reuniram. O orgão fazia ouvir uma marcha nupcial.

Precedido de dois gentis homens de honor, o Duque de Luynes e M. de Fouscolomb, vem o Duque de Orleans conduzindo pelo braço a Princesa Luisa, tocada com uma grande mantilha espanhola e de que dois outros gentis homens seguram a cauda. Segue-se o Príncipe Carlos, conduzido por sua mãe a Condessa de Caserte. Depois vem o cortejo pela seguinte ordem: Conde de Caserte com a Rainha de Espanha; o Rei Afonso XIII e a Condessa de Paris; o Duque de Montpensier e a Rainha de Portugal; o Duque de Calabria e a Duquesa de Orleans; o Duque de Chartres e a Infanta Isabel de Espanha; o Gran-Duque Vladimir e a Princesa Joanna George de Saxe; o Príncipe João George de Saxe e a Duquesa de Aosta; o Duque de Guise e a Gran-Duquesa Vladimir; o Príncipe Czartoryski fecha o cortejo dando o braço á Duquesa de Vendôme.

São riquissimas as *toilettes* principiando pela da noiva, que vestia de setim branco bordado a seda froixa e veu de ponto de Inglaterra, ramo de flôres de laranjeira naturaes e sem outras joias alem do anel nupcial. A Rainha Senhora D. Amelia,

vestia de veludo azul com applicações de tule e bordado a prata, corpete coberto de rendas de Alençon, chapeu de veludo azul, ornado de penas de marabú, colar de safiras. A Duquesa de Orleans vestia de seda azul pálido com applicações de veludo e rendas de Alençon, chapeu de tule com plumas brancas.

Nas *toilettes* das mais princezas observava-se a mesma riqueza e bom gosto.

Deu a benção matrimonial aos noivos o Bispo de Birmingham e celebrou a missa o rev. Armaillacq, amigo íntimo da familia Bourbon-Duas-Sicilias, o qual dirigiu aos nubentes a allocução do estilo.

Este casamento, não obstante ser realisado em familia, sem apparatus officiaes, revestio, como se disse, grande opulencia, e constituiu uma festa notavel na corte de Inglaterra, para o que tambem concorreu a coincidência da visita do Imperador Guilherme ao Rei Eduardo VII.

Do casamento da Princesa Luisa e da visita do Imperador Guilherme, ficou uma recordação, no grupo em que os soberanos e principes alli reunidos se fotografaram e que o OCCIDENTE reproduz em uma das suas gravuras da primeira pagina.

Mgr. Conego Carlos Alberto Martins do Rego

Muita vez se tem dito que a natureza cria homens e não padres, pelo que se aquilata a raridade de encontrar almas dispostas á pratica das virtudes exigidas ao sacerdote, que pelo exemplo tem de se impôr á veneração e respeito dos homens.

Eis por que o verdadeiro sacerdote é o que nasce já com a alma iluminada pelos fulgores da Fé, abrasado o coração no santo amor da Caridade que tanto socorre quando vale á miseria ou perdôa as faltas do proximo.

Deve ser assim o sacerdote e com esta feliz vocação nasceu Mgr. Carlos Rego, que desde sua infancia o conhecemos, em que logo revelou inclinação para as cousas de Deus por sua natural mansidão, fervor religioso e caridade, a par de um espirito lucido, sensato e justo, como um predestinado para a alta missão que tinha a cumprir.

Nasceu em Lisboa e na freguesia de Santos-o-Velho, a 22 de setembro de 1865, Carlos Alberto Martins do Rego, filho do sr. Antonio José do Rego e de D. Maria José de Barros e Silva do Rego.

Conhecemos-o ainda estudante no seminario de Santarem e, apesar dos poucos annos, sua gravidade e compostura acompanhavam-no na applicação ao estudo com a exata comprehensão dos seus deveres, sem deixar de ser afavel, sincero e bom, reunindo um conjunto de qualidades credoras de sympathia.

Tão bem soube aproveitar o estudo e tão irreprezivelmente se conduziu, que aos 24 annos de idade, a 4 de agosto de 1889 recebia das mãos do Em.^{mo} Cardeal Patriarca de Lisboa D. José III as Sagradas Ordens de Presbitero.

Sua exemplar conduta lhe valeu o ser logo convidado por Sua Eminencia para seu capellão particular, ao mesmo tempo que o nomeava ajudante do secretario da Camara e Curia Patriarcal, cargo que desempenhou com tanto zelo e competencia que, vagando o lugar de secretario pela nomeação de Monsenhor Daniel Ferreira de Mattos para conego da Sé Metropolitana de Lisboa, foi apresentado por S. M. El-Rei D. Carlos naquella logar, por decreto de 25 de setembro de 1890 e Carta Regia de 29 de novembro, tomando posse a 11 de dezembro do mesmo anno.

Inexcedíveis provas de zelo e de intelligencia deu Mgr. Carlos Rego no desempenho desta difficil commissão, sendo incansavel na nova organização que deu ao arquivo do registro parochial e da Camara Patriarcal, levando-o seu espirito investigador e criterioso a pesquisar importantes documentos que coordenou, entre estes os respeitantes a D. Nuno Alvares Pereira, da maior valia para o processo da sua beatificação.

Se a par disto considerarmos qual a multiplicidade de processos, alguns complicadissimos, que correm pela camara ecclesiastica, para a solução e regular expediente dos quaes, não basta, muitas

vezes só conhecer a letra das leis, mas recorrer ainda ao bom criterio, lucidez e justa equidade de quem tem que despachar, teremos de reconhecer a maior competencia em Mgr. Carlos Rego, que durante quartose annos desempenhou esta ardua commissão, deixando boa memoria de si.

No desempenho d'este trabalhoso cargo ainda encontrou tempo e dispôs de actividade para aceitar a capellania da Real Capella de Nossa Senhora da Saude e de S. Sebastião para que foi nomeado em 27 de novembro de 1896, cargo que tem desempenhado com a maior dedicacão e zelo.

Por alvará de 19 de novembro de 1897, foi agraciado por S. M. El-Rei D. Carlos, com o fôro de capellão fidalgo de sua real casa.

Sua Santidade Leão XIII distinguiu-o, em 1899, nomeando-o seu camarista de honra, competindo-lhe por isso o titulo de Monsenhor.

Por breve Pontificio de 4 de fevereiro de 1903 elevou-o o mesmo soberano Pontifice de saudosa memoria, a seu Prelado Domestico, e concedeu-lhe as honras de Proto Notario Apostolico *ad instar participantium*.

Estas distincções, no seio da Igreja, falam mais



MGR. CARLOS ALBERTO MARTINS DO REGO

alto que tudo quanto aqui dissessemos para exaltar quem com tanta justiça as mereceu.

Não é preciso bordar frases para fazer este ligeiro bosquejo biografico, de Mgr. Carlos Rego; os factos vão enchendo sua vida e falando de seus merecimentos.

E' em atencão aos serviços prestados á Igreja e ao Estado, como secretario da Camara e Curia Patriarcal que, por decreto de 2 de maio de 1904 e Carta Regia de 11 do mesmo mes, foi apresentado Conego da Sé Patriarcal de Lisboa, sendo louvado pelo muito zelo, prudencia, fidelidade e intelligencia com que sempre desempenhou aquelle logar.

Em junho deste anno foi chamado por Sua Eminencia o Rev.^{mo} Cardeal Patriarca, D. José III, para seu secretario particular, nomeando-o em seguida Desembargador da Relação e Curia Patriarcal e Chanceler do Patriarcado.

Mgr. Carlos Rego tem exercido tambem sua acção no meio social e assim o Circulo Catolico da Imaculada Conceição, uma das mais numerosas agremiações operarias de Lisboa, elegeu-o seu presidente.

O jornal *A Associação Operaria*, orgão da «Associação de Soccorros Mutuos a Democracia Cristã», em seu n.º 130 de 3 de setembro de 1907, exprime-se deste modo referindo-se a Mgr. Carlos Rego:

«A Providencia, que nunca desampara as obras que tendem a glorificar a Deus, christianizando o povo, collocou á frente do Circulo Catolico um homem de grande actividade e saber, um sacerdote exemplarissimo e de rasgada iniciativa, que

com o seu talento e boa vontade, animado d'um zelo admiravel, o tem dirigido.»

Importantes são os serviços prestados por Mgr. Carlos Rego ás associações: Propaganda da Fé, Propagadora das Publicações Catholicas e Democracia Cristã.

Como meio de instrucção tem o Circulo Catolico promovido excursões de operarios a visitar os monumentos nacionaes, e nellas os tem acompanhado Mgr. Carlos Rego á Sé de Lisboa, ao Convento da Madre de Deus, ao mosteiro dos Jeronimos e outros, explicando e ilucidando historica, artistica e moralmente os associados.

No Circulo Catolico, sob a influencia de Mgr. Carlos Rego, tem-se realisado conferencias, pelo Padre Camilo Ferrão sobre a regeneração do Operario, pelo Padre Alfredo Mergulhão sobre os perigos do alcoolismo, pelo Padre Fernandes de Castro sobre as vantagens da previdencia e mutualismo, etc., o que tudo é de grande proveito para a instrucção e educação das classes operarias.

Vê-se por isto até onde chega a actividade e zelo de Mgr. Carlos Rego, no desempenho da sua missão de sacerdote, do seu tempo, acompanhando as evoluções da ciencia, mas pugnando pela fé dos dogmas, alimentando as crencas, que não são incompativeis com o progresso, e antes quanto mais crente mais forte para as lutas da vida.

Um simples caso que ora nos recorda entre tantos que poderiamos citar, e que em tempo lêmos no n.º 886 do *Seculo*, vem dizer do esclarecido espirito e do bondoso coração de Mgr. Carlos Rego.

No cemiterio do Alto de S. João ia resvalar para a vala comum o cadaver de um grande bohemio, que era tambem um grande artista e matematico; era o celebre Militão, que a miseria levava a morrer num catre do hospital. Quatro amigos ou admiradores do seu talento o acompanharam e se quotisaram para lhe dar sepultura mais condigna. Foi nesta occasião que casualmente appareceu Mgr. Carlos Rego, e sabendo do que se tratava, logo se ofereceu caritativamente a resar na capella do cemiterio a encomendação do corpo e o acompanhou até á cova.

Eis o sacerdote na sua alta missão.

C. A.

As novas viaturas para o Exército

Para constituir um bom exercito não bastam bons soldados e bons commandantes, boas armas e munições; ha uma coisa importante que acompanha os exercitos e sem a qual elles mal se poderão mobilisar e entrar em acção, sob pena de agravar irremediavelmente os perigos que correm. São os serviços de transportes e de saude, tão indispensaveis como os armamentos.

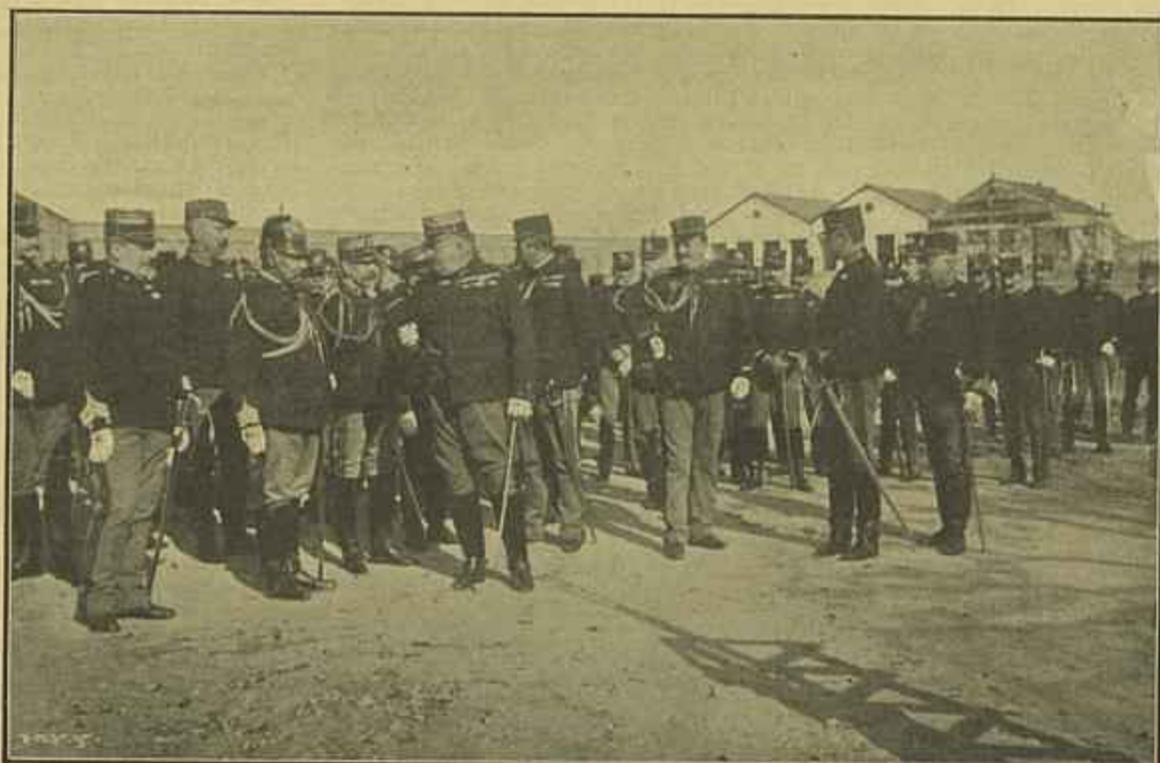
Facilmente isto é comprehensivel até aos mais profanos em coisas militares, pois não se mobilisam milhares ou centenas de homens, sem se prover aos meios de sua alimentação, de conduzir suas bagagens e, no caso sujeito, sem se transportarem armamentos e munições sobrecedentes, ferreamentas para desbravar caminhos, lançar pontes, abrir trincheiras ou levantar reductos, e por que esses homens estão tão sujeitos a doenças como a ferimentos e desastres, visto que vão jogar a vida nos azares da guerra, precisa acompanhal os os socorros medicos e cirurgicos ou seja o que se chama serviço de Saude.

Foi no verão do anno passado que o actual sr. ministro da guerra, querendo mobilisar a 4.ª divisão militar, viu que não havia as viaturas necessarias e em estado de servirem para acompanhar essa divisão, mas simplesmente alguns velhos carros incapazes de prestarem serviço util e seguro em qualquer campanha.

Este precario estado fez pôr de parte a ideia de mobilisar qualquer fracção do exercito, sem primeiro o dotar com o que precisava para aquelle fim, e o sr. ministro da guerra tratou logo de nomear uma commissão encarregada de estudar o assunto, a qual ficou assim composta: srs. tenente-coronel Zurarte Caldeira, presidente e director da Fabrica de Armas, capitães Portocarrero, Pereira Bastos, Cesar Guimarães, Teixeira de Vasconcellos e Adolfo Mineiro, agregando ainda os srs. tenente-coronel Ferreira, de cavalaria, e major Vasconcellos Dias, da Administracão Militar.

Para completar esta commissão, na parte que di-

As novas viaturas para o Exército



S. M. EL-REI D. CARLOS E S. A. O PRINCIPE REAL, VISITANDO O QUARTEL DE ARTILHARIA N.º 1
PARA EXAMINAREM AS NOVAS VIATURAS PARA O EXERCITO



CARRO DE BAGAGENS E VIVERES PARA A INFANTARIA



CARRO PARA TRANSPORTE DE PÃO



CARRO DE FERRAMENTAS DE ESQUADRÃO



CARRO DE COMPANHIA COM PARELHA A ALEMTEJANA

(Clichés Benoliel)

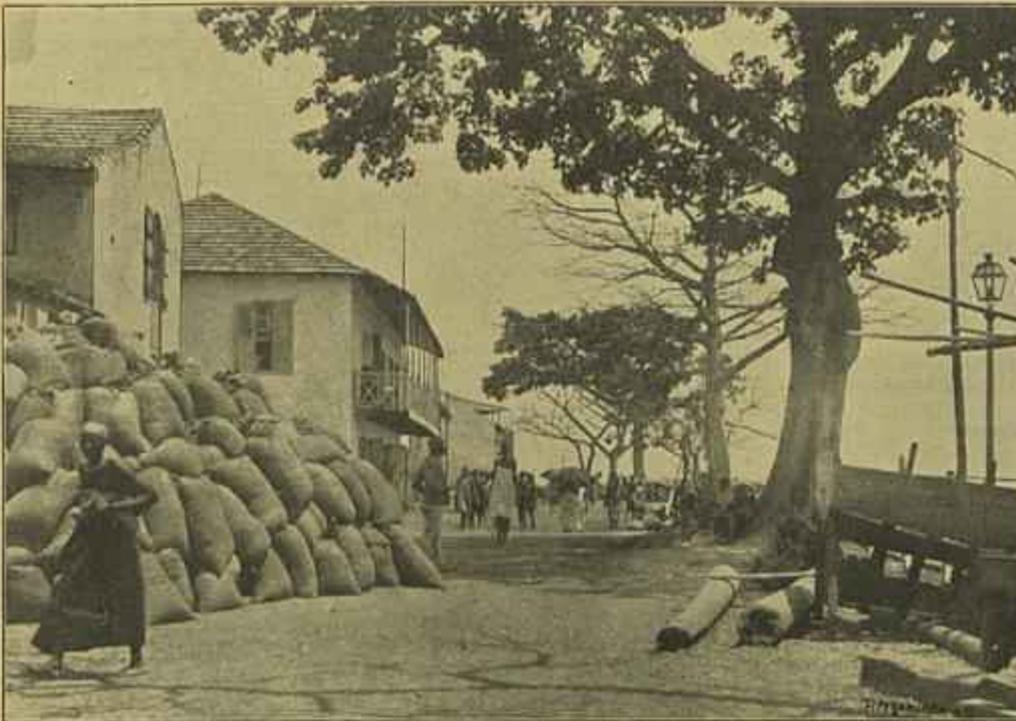
A Rebelião na Guiné Portuguesa



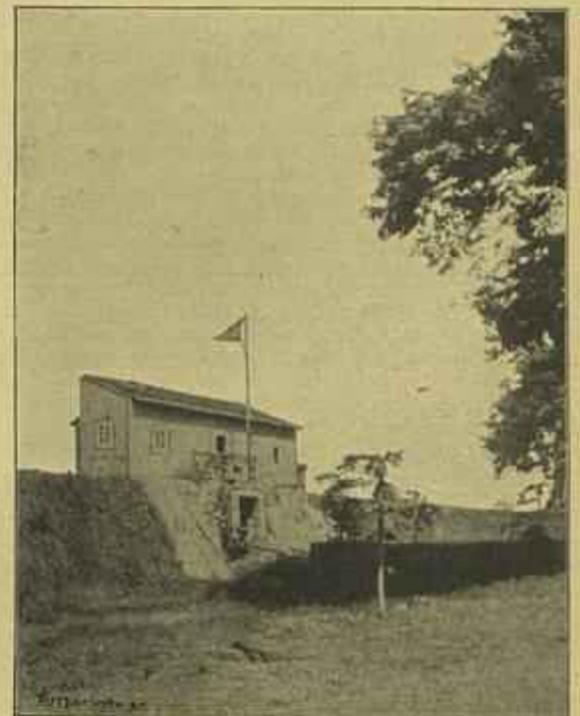
VISTA DO PORTO E PONTE CAES DE BISSAU



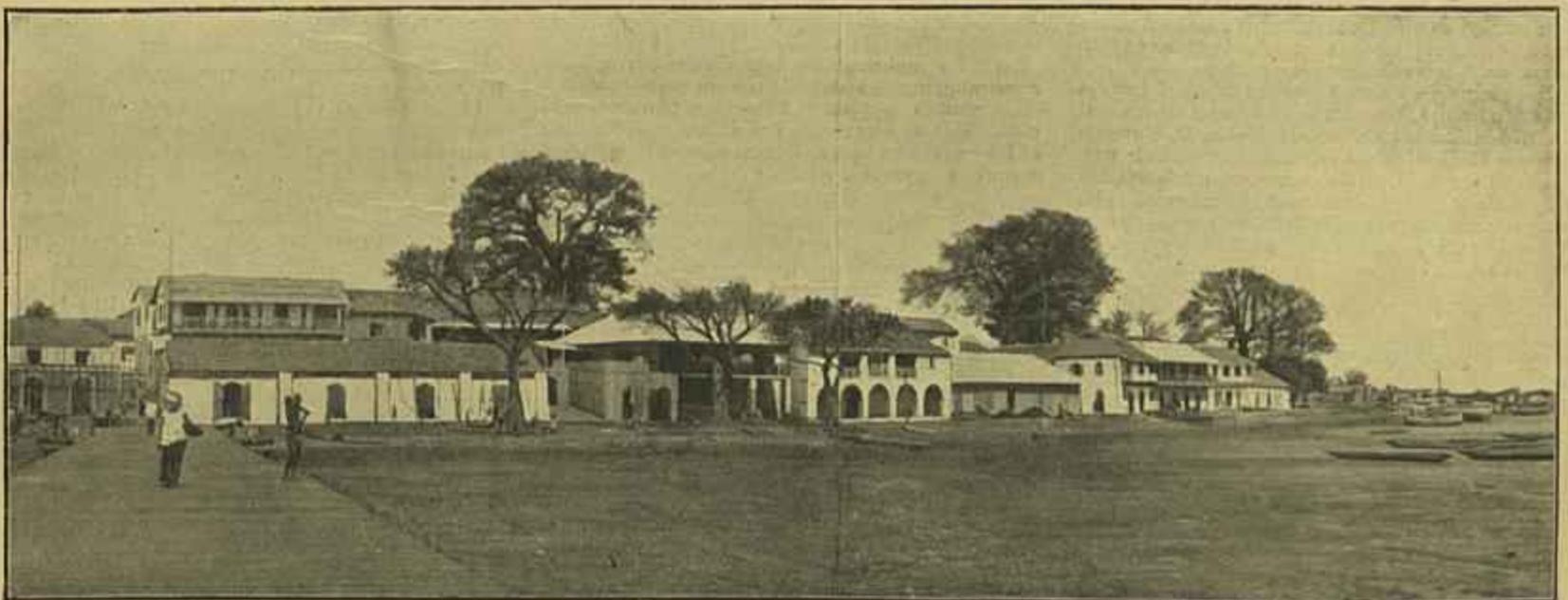
NA PONTE DA ALFANDEGA DE BISSAU



RUA DA PRAIA, OU DE ÁGOSTINHO COELHO, EM BISSAU



FORTALEZA DE BISSAU
CASA DA RESIDENCIA DO GOVERNADOR



UMA VISTA DE BISSAU
(De Fotografias)

zia respeito aos serviços de saúde, foram nomeados os srs. dr. Barbosa Leão, tenente-coronel medico e director do Hospital Militar, capitães medicos Costa Miranda, Carlos Lopes, Justino e Carvalho e tenente Julio Dantas.

Felizmente esta comissão não descurou o fim para que fôra nomeada e, a despeito de todas as dificuldades com que teve de se haver para se desempenhar da ardua tarefa, a breve trecho conseguiu apresentar modelos para as novas viaturas, alguns dos quaes inteiramente novos e mais em harmonia com as necessidades da guerra, reconhecidas nas modernas e grandes campanhas que lá fôra se tem ferido.

Apesar de no Arsenal do Exército e nos depósitos de guerra, não haverem nenhuns modelos aproveitáveis, tudo se fez sob a boa direcção dos trabalhos da comissão e com o dedicado concurso e aptidão dos operarios.

Assim se fizeram carros por modelo original, do sr. major Vasconcellos Dias para a matança e condução de rezes até 500 kilos de carne.

Viaturas de companhia e de esquadrão, constando de carros para munições de infantaria, construídos de ferro, com 4 rodas e 2 jogos separáveis, transportando cada um 10 cunhetes com 650 cartuchos cada. Carros para ferramentas, construídos tambem de ferro, com 2 jogos separados. Carros de companhia, de 2 rodas, com tapas para bagagens, viveres e forragens. Carros de correio, podendo transportar até 300 kilos de peso. Carros para transporte de dinheiro, com logar para dois empregados da pagadoria. Carros de material de columna e de pesagem, medidas, etc.

Como dissemos, muitos destes carros podem-se considerar privativos do exercito português, por sua originalidade, sendo um d'elles o carro sanitario, como lá fôra não ha nenhuma destas viaturas tão completa para o fim a que se destina.

Partindo do principio enunciado pelo medico francês mr. Dawoy, que aquelle genero de viaturas deverá chegar até onde fôr a infantaria, e se collocarem na linha de fogo, se tanto fôr preciso, construiu-se o carro com 2 jogos separados, que se desligam e seguem independentes a todos os pontos onde fôr necessario. O carro é de ferro e transporta 8 macas articuladas, 6 grandes cestos para pensos, medicamentos e instrumentos de cirurgia, além das bolsas dos maqueiros, 1 mesa para operações, com suportes Beaumets-Strauss e lanternas a acetilene para, de noite, pesquisar os feridos no campo de batalha.

As viaturas para transporte de feridos oferecem a maior comodidade aos doentes. Servem para 4 macas e o leito assenta sobre mollas por um sistema de equilibrio tal que permite o transporte dos doentes sem soffrerem o menor solavanco. Os furgons de farmacia e de cirurgia conduzem todo o material necessario; o carro do hospital de sangue, transporta 4 tendas sistema Tollet, etc.

Todo este material se construiu em menos de oito meses com os recursos do Arsenal do Exército, em numero de 400 viaturas, que ainda não chegam para uma divisão, pois cada divisão deve ter 5 hospitaes de sangue, e só se construíram 2. As columnas de hospitalisação devem ser 3 e ainda não ha; dos outros carros faltam ainda mais de cem.

Entretanto, isto é já um grande passo dado na reconstituição destes serviços do exercito e se não se parar no caminho encetado, não tardará muito que se complete o que falta, ou pelo menos se aumente consideravelmente esta dotação.

Das viaturas construídas se fez exposiçào no dia 19 do corrente, na parada do quartel de artilharia 1, a Entra-Muros, e S. M. El-Rei D. Carlos e Principe Real ali as foram examinar, estando presentes os srs. ministro da guerra, comandantes dos corpos da guarnição, estado maior e officialidade, comparecendo a comissão, á qual El Rei fez grande elogio pela maneira como se desempenhara de seus trabalhos.

A rebelião na Guiné Portuguesa

No empenho de pôr nossos leitores ao facto das questões que mais os podem interessar, e sendo neste momento a rebelião de alguns povos da Guiné o que está chamando as atenções do governo e do publico, apresentamos neste numero algumas vistas daquelle país, reproduções de fotografias que nos foram obsequiosamente cedidas por um distinctissimo capitão do nosso exercito, que por duas vezes tem ali estado em comissões de serviço publico, e ao qual devemos tambem o favor, que solicitamos, de nos dizer o que se lhe offerecesse a proposito da recente rebelião que se atribue aos indigenas de Gêba.

Eis o artigo que segue e que intimamente agradece-mos.

Esta nossa Provincia Ultramarina, actualmente tanto na têla da discussão, tem sempre tido má sêstro. Governadores intelligentes e activos, conhecidos da Provincia e animados da melhor vontade de a levantarem, tem visto frustrados os seus esforços. Circunstancias varias tem inutilizado a acção de muitos, que poderia resultar proficua. Acima de tudo a falta de auxilio da metropole. Quer se uma colonia que dê receita ou, pelo menos que não dê deficit. Retrahem-se os dinheiros do Estado, como se a Provincia não compensasse largamente e em curto prazo quaesquer sacrificios que com ella se fizessem!, da mesma forma que se retrahem os capitães particulares, quando se trata de qualquer empreendimento ou exploração colonial.

O estado de *rebellião* da Guiné, ora tão discutido, vem de muito longe e não é principalmente na região onde se projectam operações militares que elle se tem manifestado.

Bissau, batido em 1904, sendo Governador o actual general sr. Vasconcellos e Sá, depois de alli termos soffrido um grande desastre em 1891, não se pensou nunca em o occupar; depois de tantos sacrificios e abnegações, ficámos com dominio effectivo *somente na fortaleza*. Esta insubmissão dos *papeis* manifesta-se, porém, sómente na recusa do pagamento do imposto. Elles vão diariamente á praça negociar e trabalhar, e ainda ha pouco podia percorrer-se toda a ilha sem perigo.

O *Oio* foi batido em 1902 pelas forças do commando do Governador Biker, forças organisadas na Provincia, sem elementos para uma occupação, resultando abandonar-se a região depois de batida, e os seus habitantes — *soniquêzes* — continuaram negando se a pagar imposto. Estes, porém, ha algum tempo a esta parte, vão a Farim negociar os seus productos e, desde 1905, vão algumas vezes a Gêba.

Em *Cacheu* não se fez cobrança. E' certo que no corrente anno se receberam uns 12 contos de *imposto de palhota*, se assim se pôde chamar á contribuição cobrada coerciva, violenta, e arbitrariamente, aos que, confiantes, procuravam a praça para negociar ou trabalhar. Há esses, ninguem pagou; estão mais insubmissos que em Bissau, pois é mesmo perigoso arriscar nas suas povoações. Nem *Manjacos*, nem *Papeis*, nem *Felupes* (comprehendendo sob esta designação geral todos os que habitam a margem direita do Rio Cacheu), nem os *Balantas* pagam imposto. Ha mesmo a região conhecida pela dos *Balantas bravos* onde nunca ninguem ousou arriscar-se. Pois em 1901 foram os Felupes castigados pelo Governador Biker, em 1904 o Governador Soveral Martins bateu os *papeis* e ultimamente ainda as forças reunidas portugueza e franceza, da comissão internacional de delimitação, castigou tambem os Felupes que os queriam impedir de concluir os trabalhos, de delimitação da Provincia.

Os indigenas da região de Gêba foram sempre considerados os mais submissos e nossos amigos; foram nossos auxiliares na campanha contra o *Oio*. Foi a região escolhida pelo Governador Biker para implantar o imposto, cobrado, pela primeira vez em 1902, sob a designação de *imposto de capitação*, e no anno seguinte transformado no *imposto de palhota* actual.

Alli, ha muitos annos, negociantes portuguezes e estrangeiros, estabelecidos com casas commerciaes muito importantes, negociam sem risco. São conhecidas as demonstrações de amizade com que todos os régulos vem a Gêba saudar o Governador, quando este visita a região e com que sempre tem recebido o chefe da circumscripção, quando percorre a região em serviço de cobrança do imposto sem necessidade de precauções ou quaesquer medidas de segurança.

E' n'esta região que vão effectuar-se operações militares para castigar o régulo Infaly Sancó, Blafáda, que desrespeitou o commandante Fortes. Mas merece nos reparo o facto de este mesmo commandante, dois mezes antes, ter estado no territorio d'aquelle régulo, procedendo á cobrança do imposto, missão sempre odiosa, comtudo sempre respeitado e obedecido. Diz se que o régulo estava descontente por lhe terem sido tiradas umas armas pertencentes ao Estado, e que aproveitou o pretexto de umas bofetadas applicadas a um seu subdito. Cremos que elle não sentiria menos as bofetadas do que o desgosto de lhe tirarem as armas, porquanto o esbofetado não foi um subdito qualquer, foi um dos seus *judeus*, tocador de marimbas, cantador, individuos inoffensivos que passam a vida cantando louvores e lisonjas aos régulos de quem vivem, e em geral, a todos de quem podem esperar uma gratificação mais ou menos avultada.

As armas que lhe foram agora tiradas, tinham sido emprestadas por um Governador, para elle se defender contra as incursões e roubos dos *balantas* de Enchalé, que confina com o seu territorio, visto o Governo não dispôr de meios para manter em respeito estes povos. Elle, auctorizado pelo Governador, fazia guerra a seu modo, de represalias, queimava povoações, aprehendia mulheres, gados, etc., áquelles povos, que não queriam saber do nosso dominio, nem nos pagam imposto, que vivem do roubo e da pilhagem e entre os quaes o *homem mais importante é o que fôr mais ladrão*.

A má vontade da maior parte dos régulos fúlas a Abdulay do Chime, é já antiga, e agora aproveitaram um pretexto para mais uma vez o desfeitearem. Desde que o Abdulay é régulo do Chime nunca os fúlas quizeram reconhecer a sua auctoridade e abandonaram o territorio, tendo pedido desde então um régulo da sua raça. O Chime está despovoado. Tem sido uma teimosia querer impôr pela força, aos fúlas, um régulo *toranca*, raça originaria do territorio francez. E' certo que o Abdulay tem sido sempre nosso amigo, mas ninguem impede que elle continue a sel-o n'outra parte; e nós criariamos um outro amigo no régulo Fúla que fosse posto no Chime. Como auxiliar, o Abdulay pouco valor tem para nós, porque dispõe de uma força muito diminuta, embora de gente aguerrida. Com esta nova guerra vamos levantar inimidades com chefes que sempre tem sido nossos amigos, porque se muitos hão de ser por nós alguns serão contra nós.

Estamos certos, que, com um pouco de boa vontade, o Governador Muzanty, intelligente e que conhece bem o meio, poderá encontrar uma fórma de obter a satisfação devida pelo régulo Infaly, sem ir empenhar-se n'uma guerra de tão mediocres resultados.

P. S. — Depois de escriptos estes apontamentos chegou ao nosso conhecimento, por uma noticia d'*O Seculo*, a resolução tomada de bater varias regiões da Guiné que se tem manifestado em estado de revolta, o que nos suggere algumas considerações que opportunamente publicaremos n'esta mesma Revista.

D.



O POEMA

Apotheose Humana

Carta a Henrique das Neves

.. Sr.

Em Portugal, aonde nem sequer chegou o idealismo germanico como reacção á escola positiva de Comte, depois dos *Sonetos* de Anthero e dos velhos themas cantados por Junqueiro, o livro do meu camarada Joaquim Dias é a primeira obra, em verso, com um fim directamente social, e que, por isso mesmo, me surprehendeu e encantou pelo imprevisto plano que a ella presidiu.

Como o Marquez dos *Maias*, de Eça de Queiroz, eu sempre odiei, quasi que por instincto, quadrinhas meudinhas a olhinhos galantes. A minha geração, no entanto, ainda as faz, mas a Arte, agora deve ser diferente, e pouco parecida com aquella outra que os românticos crearam para desgrenhar donzellas histericas, doentia e vaga como um poente d'outomno.

Ora, o auctor da *Apotheose*, que fez um livro revolucionario na acepção positiva do termo, libertou se de todos os vicios e de todos os preconceitos da velha escola, aproveitando porém, o que ella teve de bom: o rythmo espaçado do verso e o classicismo da sua factura. Assim, o Poeta, appareceu me, como um *avancado* na Ideia e como um *parnasiano* na Fórma.

E mal imagina V... quanto isto me consolou e me commoveu. Os seus versos tem, além da côr, luz, vivêsa, modelação e technica, uma outra coisa hoje tão rara, infelizmente: — um fim erguido, um objectivo, um plano, a systematisação d'uma theoria e de um estudo longo.

Mas encontro um extraordinario defeito na obra do seu amigo: está *déplacée*. Em Portugal, hoje, só meia duzia de creaturas poderá entendê-la.

Ainda atravessamos o periodo theologico. Veja V... o que será preciso para chegarmos áquelle outro que repassou as paginas da *Apotheose Humana*!

Agradecendo a V... a inolvidavel gentileza com que me honrou, peço que transmita ao Poeta a minha homenagem e a minha admiração.

De V...

HENRIQUE TRINDADE COELHO.

A GARRAFA DE AGUA

(LEÃO HANRAP)

E' para notar que se attinge muitas vezes na vida um fim muito differente d'aquelle a que nos levava o caminho seguido primeiramente; — não fallo das pessoas que depois de terem estudado para tabellião, acabam nas galés.

Assim, Taitatuile, no seu primeiro anno de direito — como rapaz consciencioso que era, levava seis annos a fazel-o — adquirira uma reputação de bom bebedor, de que elle se orgulhava, e que lhe parecia abrir um brilhante futuro em materia de bebidas — e que o não impedira de seguir uma outra carreira e de entrar para a policia, onde o antigo discipulo de Baccho, levantava autos de delicto por desordens nocturnas.

Devo, contudo, reconhecer que conservára pelos bebados uma profunda sympathia e era sempre com um doloroso aperto de coração que applicava a lei sobre a embriaguez.

Quando tomei conhecimento com elle, acabava elle de ser nomeado secretario de um dos commissariados de Paris, e justamente tinha entre os seus administrados um honrado Auvergnez, que, regularmente, todos os domingos lh'o levavam bebado a cabir.

Era, todavia, um excellente homem, meigo e alegre, infelizmente muito ruidoso quando tinha um copo — ou um litro — de vinho a mais.

A' primeira vez, Taitatuile mandou o embora, depois de o ter admoestado, e de ter recebido d'elle a promessa de nunca mais se embebedar — ou, pelo menos, de se não embebedar tanto que fizesse com que o prendessem.

Charfaullat — era o nome do Auvergnez — jurou o que quizeram e votou um eterno reconhecimento a Taitatuile pela sua generosidade.

Somente, no domingo seguinte, o trouxeram bebado como uma cabra; a unica differença era que tinha bebido tudo á saude do xenhôr xecretario.

Taitatuile, depois de o ter interrogado, ficou perplexo; é duro mandar para o calabouço — um maldito logar onde só ha agua para bebêr — um homem que se houvera embebedado em nossa honra!... e comtudo a reincidencia merecia um castigo.

De repente, Taitatuile teve uma inspiração genial.

— Meu bom amigo, disse elle a Charfaullat, sympathiso muito consigo, e desejo por isso fazer uma segunda excepção á lei: vou pôl-o em liberdade.

— Ah! xe... xe atrevere... abraxava-o!

— Com uma condição.

— Tudo o que... quixer... xenhôr xecretario!

— Guarda, traga uma garrafa com agua e um copo.

O policia, embasbacado, foi buscar os objectos pedidos e pôl-os em cida da secretária, defronte de Charfaullat vagamente inquieto.

— Ora, disse Taitatuile, se quando você bebeu á minha saude, tivesse deitado agua no vinho, não estava agora aqui.

— Oh! xenhôr! deitar agua no vinho!... não é poxivel!

— Pois bem, se quizer ir-se embora, ha-de beber á minha saude.

— Oh! xenhôr! com praxêr!

— Espere!... E' preciso que bêba o conteúdo d'esta garrafa!

Charfaullat olhou para Taitatuile com um espanto indisciplinavel.

— O que diz, xenhôr?!

— Tem que beber esta garrafa.

— Oh! xenhôr xecretario! o xenhôr não bê queixo é agua!

— Bem sei!

— Pois o xenhôr quer-me faxêr bebêr agua?... Oh! xenhôr xecretario!

E o bebado, melindrado, indignado, deitou a Taitatuile um olhar cheio de censura; depois disse bruscamente:

— Prefiro dormir no calabouço!

Taitatuile, muito pungido, fez signal ao policia, que levou a sua victima.

No dia seguinte, quando Charfaullat saiu da esquadra, Taitatuile, que durante toda a noite tivera remorsos da sua severidade, disse-lhe:

— Então, meu pobre amigo, passou uma noite má?

— Obrigado, xenhôr, respondeu o Auvergnez com um pouco de frieza, nem por ixo, só tenho as pernas que as não xinto e não poudê dormir a

noite toda. E' dura a tarimba! E além de ixo vêr-me entre ladrões, eu, um homem honrado, fez-me doente.

— Era necessario beber a garrafa, meu amigo, disse Taitatuile brandamente.

Charfaullat partiu, sem responder.

E, no domingo seguinte, Taitatuile viu-o de novo entrar no commissariado.

— Vejamos, Charfaullat, disse-lhe elle, a lição não te aproveita?... E' outra vez a intemperança que aqui te traz.

— Não é a intemperança, xenhôr xecretario, xão os polixias.

— Vou ser obrigado a mandar-te outra vez para o chelindró.

Charfaullat fez beicinho.

— A não sêr que bebas a garrafa de agua.

Charfaullat coçou a orêlha.

— Vamos lá, experimenta!

— E... xe eu adoço!

— Não adoceces!...

E Taitatuile encheu um grande copo de agua ao bebado, que lhe pegou sem enthusiasmo, olhou para elle, cheirou-o, e, finalmente, bebeu o liquido de um trago, como um remedio, fechando os olhos.

— Oh! xenhôr Deus! como isto é mau! exclamou elle fazendo uma careta e pondo o copo em cima da mêza.

— Você se habituará, disse o bom Taitatuile, dando-lhe a liberdade.

Oito dias depois, Charfaullat apresentou-se novamente a cair de bebado.

— Como! exclamou Taitatuile, ainda você?!

— Oh! xenhôr xecretario! isto não me torna a acontecer!... Onde está a garrafa?

E tendo bebido o seu copo de agua, com o aspecto constricto de uma creança que recita uma réza para expiar um peccado, Charfaullat foi-se embora muito alegre.

Então as suas visitas espaçaram-se mais e acabou por não voltar.

Este excellente Taitatuile esfregava as mãos por ter corrigido o estouvado bebado, soberbo pela sua boa acção e pela sua feliz ideia.

Mas, ao fim de alguns mezes, avistou na rua o seu bebado, com o nariz vermelho, capaz de fazer inveja ao chapêu de um cardeal, e andando n'um passo vagamente incerto. Chamou-o.

— Então! Charfaullat! isso vai bem?... Você já não se embebedou, hein?...

— Embebedo-me, xim, xenhôr, respondeu placidamente o Auvergnez, mas paxei para outro bairro!

MARIO DE SANTA RITA.

10-10-907.



Factos e homens do meu tempo

Memorias d'um jornalista

POR

BRITO ARANHA

Trabalhador incansavel da imprensa, não lhe quebrando nem diminuindo os annos a virtualidade com que se entrega ao trabalho e n'elle lida incessante e proficuaemente, o sr. Brito Aranha, como que ferindo a labutação ingrata e fadigosa quão proveitosa e applaudivel, da continuação e conclusão do valioso e utilissimo *Diccionario Bibliographico*, para que, á sua parte, já leva terminados 10 tomos, com obras de mais grata e suggestiva elaboração, acaba de trazer a lume, editado pela emprehendedora e acreditada Parceria Antonio Maria Pereira, o 1.º tomo dos *Factos e homens do meu tempo*, ornado com retratos e fac-similes das pessoas a elles evocadas.

Entram á galeria de figuras encetada com este volume, todas ellas mais ou menos conhecidas e apregoadas e algumas laureadas, no meio e época em que viveram, fazendo uma resenha n'ellas pela ordem e titulos dos respectivos capitulos, o Silva das barbas brancas, o visconde de Jeromenha, o Sampaio jornalista, o barão de Marajó, o Teixeira de Vasconcellos com a sua *Gazeta de Portugal*, o dr. José Carlos Rodrigues com o seu *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, o Moraes Mantas e Manuel de Jesus Coelho, mas nem só estas as personalidades ahí trazidas á tela, que muitas outras em avulta-

disimo numero a ella vindas mais ou menos detidamente e em especial, Eduardo Coelho, José Estevam, Silva Tullio, Emygdio Navarro, Pereira Carrilho, dos quaes todos tambem estampados os retratos.

Termina o tomo com a narrativa *Quatro dias em Madrid*, impressões colhidas e archivadas pelo auctor já vindas á luz no *Diario de Noticias*, mas agora retocadas e ampliadas, por occasião da sua ida á capital da Espanha como representante d'esse jornal, ao tempo do casamento em 1879 de Afonso XII.



BRITO ARANHA

Encetei a leitura dos *Factos e homens do meu tempo*, não só com a natural curiosidade que sempre me provoca livro novo para mim, e sobretudo sabido ha pouco a publico, mas ainda com a attenção que me despertam os escriptos do sr. Brito Aranha, que desde distanciado data agradavelmente me acostumei a apreciar no muito que valem; se, assim, porém, comeccei de volver as paginas ao volume certo é que, confesso, n'elle não contava encontrar, pela indole que accusava, enleio que me prendesse.

Ainda bem que me enganei pois ao passo que fui proseguindo em sua leitura, se me foi avivando e accentuando o interesse por esta, prendendo-me os quadros e narrativas que n'ella ante os olhos se me iam desenrolando, bem caracteristicos e suggestivos dos homens e dos factos a que referentes, não sendo dos somenos encantos colhidos o despretençioso e singello da linguagem, sempre acurada mas sempre facil e como que familiar, condição e predicado que devem revestir e natural é que revistam, as «memorias» que em tal modo, como bem o tem accentuado a critica moderna, se tornam mais instructivos e acreditaveis as relações que encerram do passado, do que as que fornece a historia propriamente dita, calçada e levantada sobre alto cothurno, e não descendo assim a tratar, quasi sempre senão dos factos e das personagens mais salientes de uma época, os quaes muitas e a maior parte das vezes a não definem e caracterizam.

Mais, como bem se deprehende do que deixo escripto, se occupa o sr. Brito Aranha em seu apreciavel livro, do que se passava nos bastidores do theatro do mundo do que propriamente no palco, e isto é o que dá um valor mais apreciavel a seu trabalho, patenteando muitos factos ou inteiramente desconhecidos ou mal sabidos, e apresentando-nos os homens que n'elles intervieram como realmente eram.

Muito mais, e mais de perto e intimamente, quizera eu escrever dos *Factos e homens do meu tempo*, mas para isso escasseia me agora o espaço por limitado o que me é concedido, e fecho, pois, esta breve e singela noticia com sentido e merecido applauso á obra.

RODRIGO VELLOSO.



THEATRO DO GYMNASIO

O Filho Milagroso

O velho templo d'arte da travessa do Secretario da Guerra, hoje rua Nova da Trindade, continua cumprindo galhardamente a sua missão de desannuviar os espiritos das tristezas mundanaes. E, esta época, promete ser das melhores de que os seus annaes fazem menção, a calcular pela pri-

Teatro do Gimnasio



«O FILHO MILAGROSO» — UMA CENA DO 2.º ACTO
(Fotografia do sr. Alberto Lima)

meira peça nova que ali subiu á scena e cuja primeira representação occorreu em 9 do corrente.

Referimo-nos á comedia em 3 actos dos francezes Paulo Gavault e Roberto Charvay *l'Enfant du Miracle*, traduzida pelo nosso distincto collega do *Diario Illustrado*, sr. Portugal da Silva, com o titulo *O Filho Milagroso*, que está causando um authentic successo de ruidosas gargalhadas e que é digna de enfileirar ao lado das mais festejadas que o Gymnasio nos tem apresentado.

A denominação da nova peça é bem suggestiva e deixa antever um enredo emmaranhado, cheio de situações comicas e de ditos de espirito, mas a sua confecção excede tudo que se preveja, de tal forma e tão engenhosamente foi manejada.

E' uma verdadeira *pochade*, que não descreveremos porque somos dos que entendem que se não deve tirar o imprevisto ao espectador, embora elle, ao ler nos, fique prevenido que tem de alargar o cós das calças para que não rebente quando se estorcer em frouxos de riso.

A traducção é muito cuidada e a linguagem ligeira, mas elegante, coaduna se bem com as personagens. A graça esfusante do original está esrupulosamente conservada e Portugal da Silva foi mesmo, por vezes, felicissimo na escolha dos

vocabulos da nossa lingua, que empregou como equivalentes dos gaullezes.

A encenação faz honra a Leopoldo de Carvalho, o velho mestre que tantas e tamanhas provas tem dado da sua grande competencia; e o desempenho a cargo de Valle, Telmo, Cardoso, Julio Soller, Henrique Albuquerque, Alegirim, Pedro Machado, Vieira Marques, Judith de Mello, Alda Soller, Jesuina Saraiva, Rosa Andrade, Alda Aguiar e Alice Lima foi muito harmonioso. Devemos contudo especialisar Valle que foi um curador do ventre da viuva á altura da gravidade das circumstancias, mesmo quando se embriaga. . . Telmo irreprehensivel no galan; Cardoso o architecto que architecta toda aquella embrulhada; Julio Soller, um dos artistas mais correctos que possuímos, soberbo no doutor que, ao ser pronunciado um termo de medicina, se alheia completamente d'este mundo; Alegirim, fazendo incontestaveis progressos no alfaiate das senhoras; e finalmente Judith de Mello e Rosa Andrade, duas apriaveis e intelligentes raparigas que exteriorisaram com verdade, aquella a viuvinha que não deseja deixar escapar os milhões do fallecido esposo, e esta a ladina *soubrette* que armou em *cocotte*.

PEDRO PINTO.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Uma Dona Portugueza na Córte do Grão-Mogol — Nova Goa — *Imprensa Nacional* — 1907.

O autór desta obra, o sr. J. A. Ismael Gracias, já é conhecido dos leitores da nossa revista que, por mais d'uma vez, tem sido honrada com produções suas.

A presente, que mostra a influencia exercida pela portugueza D. Juliana Dias da Costa na córte dos soberanos mogoes, onde se encontrou por acompanhar seu marido, clinico enviado a pedido do imperador Aurengzeb pelo vice-rei da India, Conde de Alvor, a presente, repito, obdece a este subtítulo: «Documentos de 1710 a 1719, precedidos d'um Esboço Historico das relações politicas e diplomaticas entre o Estado da India e o Grão-Mogol nos seculos XVI e XVII.»

Na investigação de erudito do autór, no plano do texto, que abranje 214 paginas, acha-se tudo o que está indicado no titulo e sub-titulo da obra.

COUTO & VIANNA — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas
nacionais e estrangeiras



R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Bonbons e nougat da fabrica Iniguez

KILO 1\$500 RÉIS

Os bonbons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE--CAKULA

Novo producto reconstituinte e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



A melhor agua de mesa conhecida
AGUAS MINERAES DO MONTE BANZÃO - COLLARES
GAZOSAS LITHINADAS

Aprovado por Alvará Régio de 30 de Novembro de 1906

Deposito geral:

Rua dos Correios, 29, 2.º

LISBOA

CASA BANCARIA

José Henriques Totta

69, 75, Rua do Ouro, 69, 75

LISBOA

Almanach Illustrado do OCCIDENTE

PARA 1908

Está publicado este interessante annuario que entra no seu 27.º anno de publicação registando os principaes acontecimentos do anno de 1907 e com uma linda capa, aguarella de Roque Gameiro

Preço 200 réis

Pedidos á EMPRESA DO OCCIDENTE

LISBOA